



UEPB
Universidade
Estadual da Paraíba

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I- CAMPINA GRANDE
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE GRADUAÇÃO LICENCIATURA EM FILOSOFIA

ELSA DE BRITO RIBEIRO GOMES

EPICURO: A LIBERTAÇÃO DO MEDO É O CAMINHO PARA A FELICIDADE

CAMPINA GRANDE – PB

2016

ELSA DE BRITO RIBEIRO GOMES

EPICURO: A LIBERTAÇÃO DO MEDO É O CAMINHO PARA A FELICIDADE

Trabalho de conclusão de Curso
Artigo Científico – apresentado ao
Curso de Filosofia da Universidade
Estadual da Paraíba – UEPB – como
exigência parcial para obtenção do
título do grau de Licenciatura em
Filosofia, sob Orientação do Prof.
Me. Francisco Diniz de Andrade
Meira.

CAMPINA GRANDE – PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

G633e Gomes, Elsa de Brito Ribeiro
Epicuro [manuscrito] : a libertação do medo é o caminho para a felicidade / Elsa de Brito Ribeiro Gomes. - 2016.
27 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Prof. Me. Francisco Diniz de Andrade Meira,
Departamento de Filosofia".

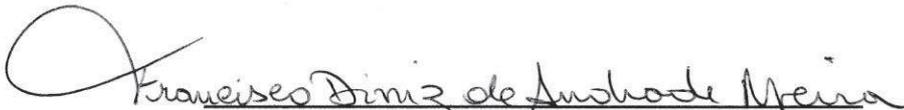
1.Felicidade. 2.Medo. 3.Prazer. 4.Epicurismo. I. Título.
21. ed. CDD 187

ELSA DE BRITO RIBEIRO GOMES

EPICURU: A LIBERTAÇÃO DO MEDO É O CAMINHO PARA A FELICIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação em Filosofia da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito para
obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

Aprovado em 20/10/2016


Prof. Me. Francisco Diniz de Andrade Meira/UEPB
Orientador


Prof. Ma. Amanda Oliveira da Silva Pontes
Examinadora


Prof. Me: Fernando José da Silva Monteiro
Examinador

Dedico à realização deste trabalho primeiramente a Deus como fonte inspiradora, de modo especial a minha amada mãe sendo estendido para toda a minha família, ao meu esposo, que me apoiaram no decorrer do curso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus a conclusão deste, por estar sempre presente em todos os momentos da minha vida me incentivando para não desistir nos momentos difíceis que foram tantos ao longo do caminho, que segurava a minha mão como se eu fosse uma criança me empurrando para não me acovardar e quantas vezes o ouvia dizer já chegaste até aqui tenha força agora falta pouco, ou então, vá hoje, deixa o amanhã chegar e então a gente vê como vai ser e quando menos esperei cheguei a reta final.

Agradeço a Deus por ter me presenteado com uma família maravilhosa de modo especial aos meus pais, Maria de Brito Ribeiro mulher guerreira e a fortaleza da família e ao meu amado pai que se foi, mas sua presença continua forte na família em forma de saudade a qual denomino do amor que fica. Eles foram os verdadeiros educadores, apesar de serem iletrados, souberam educar onze pessoas.

Agradeço a minha família amada que tanto contribuíram para a realização desse curso e aos meus amigos e amigas conquistadas ao longo da minha existência.

Agradeço aos meus professores do Departamento de Filosofia que participaram desse processo de ensino aprendizagem e de modo especial ao professor Diniz pela paciência e disposição para me orientar no meu TCC. A você professor Diniz o meu muito obrigado por ter sido a chave de deveras importância para a realização desse projeto. Peço a Deus que lhe conceda um eterno *CAPER DIEM* e toda felicidade que o senhor merece.

EPICURO: A LIBERTAÇÃO DO MEDO É O CAMINHO PARA A FELICIDADE

Elsa de Brito Ribeiro Gomes¹
Francisco Diniz de Andrade Meira²

Resumo

Este trabalho tem como objeto de estudo a filosofia de Epicuro, cujo objetivo é o homem e sua felicidade, sendo que o caminho para que esta seja alcançada é através da libertação do medo em relação aos deuses, morte e futuro. Este problema é resolvido através da compreensão da natureza, sendo as sensações mediadoras nesse processo. Assim, o pensamento epicurista é uma filosofia materialista de cunho ético e prático destacando que nunca é tarde para ser feliz, mas esse intento só é possível dependendo das nossas escolhas, sendo que estas devem ser feitas com prudência, uma vez que tudo em excesso faz mal para corpo e alma causando dor e sofrimento. O saber filosófico é tido como bálsamo e quem o possuir será considerado sábio o qual “viverá como um deus entre os homens” tendo aprendido a zelar pela própria vida, libertando-se dos males provocados pela imagem falsa de felicidade produzida pela sociedade da qual ter vale mais do que ser.

PALAVRAS CHAVES: Felicidade, Medo, Prazer, Epicurismo.

1. INTRODUÇÃO

A Carta da Felicidade de Epicuro procura solucionar alguns dilemas humanos relacionados ao medo, mas de quê? Segundo o pensador é o temor da morte, dos deuses e do futuro. Eles são acusados de impedir a felicidade dos homens. Diante disso, podemos perceber que o cenário histórico mudou cuja preocupação passa a ser o homem e sua felicidade. Mas, como chegar a ela e que caminho a tomar?

Para essas perguntas Epicuro encontra respostas. Para alcançar a felicidade basta se libertar do medo, da dor e sofrimento, assim, encontrará o sumo bem, a *eudamonia* (felicidade). Contudo, não é tarefa fácil, vai depender de uma mudança na maneira de olhar o mundo como também é necessário que o homem faça uma desconstrução de si mesmo com relação aos conceitos religiosos que foram inseridos desde a sua tenra idade a partir desse processo renascerá um novo homem uno com a natureza tendo a compreensão que tudo que acontece na vida é forma natural não divina como era pensado.

¹ Elsa de Brito Ribeiro Gomes. Graduanda em filosofia pela UEPB

² Orientador Prof. Me. Francisco Diniz de Andrade Meira (UEPB)

Abrindo essas algemas do passado que nos prende a temores infundados causadores da infelicidade. Com a libertação terá coragem de enfrentar as adversidades da vida impostas na decorrência da existência humana conseguirá ter uma vida feliz, ou seja, a felicidade nada mais é do que a possibilidade de escolhas o perigo mora no ato de escolher. Pois, quase sempre optamos pelos prazeres desnecessários que causa dor e sofrimento. O ideal para o homem será evitar esses desejos advindos dos supérfluos que nunca são saciados.

Por isso, Epicuro alerta para o excesso, exalta a prudência na hora de escolher os prazeres apresentados e, para ele estes devem ser escolhidos de acordo com as nossas necessidades, por exemplo, não existe nada melhor do que matar a sede de quem tem sede ou descansar quando estiver cansado. É no habituar com as coisas simples que reside felicidade, assim, evitará a dor e o sofrimento.

Diante disso, a forma comedida funcionaria como um remédio, desse jeito o homem se tornaria senhor de si, ou seja, viveria de forma autônoma, livre dos excessos que faz mal para a saúde do corpo e da alma.

2. PAINEL HISTÓRICO DA FILOSOFIA EPICURISTA

A concepção filosófica epicurista surgiu no período helênico em (322 a.C.), representa o momento de transição entre a magnitude da cultura grega e o desenvolvimento da cultura romana. Nesse contexto, acontece a dissolução da organização social das cidades-estados do mundo grego, sendo este um fator determinante na transformação do pensamento e no modo de ser do homem grego, antes um cidadão atuante na polis que depois passou a condição de súdito perdendo assim, a sua autonomia política. Na Grécia Clássica, quem tinha cidadania grega podia democraticamente participar e votar nas assembleias que se realizavam na praça pública *Ágora* (praça pública da Grécia), conforme a citação abaixo:

Residia no facto de no seio desta comunidade as decisões serem tomadas na presença de todos, embora na maior parte dos casos se tratasse unicamente de aprovar o que era proposto por uma minoria cujo poder advinha da riqueza, da força militar e da autoridade religiosa.(MOSSÉ,1993 p.10).

Diante disso, podemos ter uma visão de como funcionava a sociedade grega: os cidadãos eram participativos nas tomadas de decisões referentes às cidades-estados, mesmo que só fosse o caso de aprovar; as coisas eram aprovadas para o bem coletivo, mas tudo mudou. A monarquia tomou o lugar da democracia.

Isso resulta num novo fenômeno de vida e da reflexão filosófica que *a priori* era política e posteriormente passa a ser de cunho ético baseado na conduta humana se distanciando do teor político. Esse sistema propõe uma ética fundamentada na paz interior e na felicidade.

Diante do exposto, podemos observar que essa fase de mudança acontece com a morte precoce de Alexandre, “o Grande”, esse fato marcou que a história do pensamento grego, onde surgiram novas escolas filosóficas como o epicurismo, cujo fundador foi Epicuro.

2.1. UNIVERSO DE EPICURO

Epicuro (341 a 270 a.C) nasceu na ilha de Samos, na Grécia. Era filho de pais atenienses e ao que tudo indica não tinha uma condição financeira abastada. Seu pai Neocles, tinha como ofício a de *mister* mestre de gramática e sua mãe, cujo nome era Querestata, exercia a profissão de advinha, pois tinha um conhecimento das ervas .

Segundo E. JOYAU (s.d., 31), foi à vivência em meio a esse universo das superstições e credences populares e os males que causam a credulidade dos homens, que oportunizou ao filósofo desenvolver sua teoria ser de cunho prático e materialista afastando-se da metafísica. Um fato curioso chamou a atenção do pensador ao escutar as palavras proferidas por seu mestre ao citar o verso épico de Hesíodo que: “No princípio todas as coisas vieram do caos”; - E o caos “ donde ele veio” e ninguém sabia responder a essa pergunta de forma racional fica essa interrogação em Epicuro

Pois, de acordo com esse verso de Hesíodo fica a ideia que as coisa surgiram do nada. Precipitando para o âmbito da metafica sem explicação para existência, uma vez que se as coisas emergissem do nada:

[...], tudo poderia nascer de tudo, e coisa alguma teria necessidade de semente. Poderia surgir homens do mar, romper família do peixes escamosos e as aves precipitaria do céu; e os rebanhos, os outros animais

e toda a espécie de feras ocupariam o lugar, dado o acaso da origem, as terras cultivadas e os desertos. Por seu lado, as árvores não teriam sempre os mesmos frutos: mudariam de um tempo a outro e todas elas poderiam produzir a todos. Com efeito, não havendo em coisa alguma elementos geradores, como poderia cada ser ter sua mãe determinada?. Mas, como todos se formam por sementes certas, só nascem e chegam às margens da luz no lugar em que existam a matéria e os corpos elementares que lhes são próprios; por isso, não pode tudo nascer de tudo: cada ser determinado tem em si possibilidades próprias[...]. (LUCRÉCIO. 19--. p.81)

As palavras de Lucrécio nessa citação vêm dar suporte a teoria epicurista que as coisas não podem surgir do nada e nem por interferência divina. Tudo que existe no mundo tem um princípio e, esse advém da matéria, visto que objetos não podem aparecer como num passe de mágica.

Com o estudo dos pré-socráticos Epicuro, encontrou uma explicação aceitável a respeito do princípio (*Arché*)³ originário de todas as coisas, precisamente na teoria atômica de Demócrito ao “sustenta que os elementos são o cheio e o vazio” e os “dois juntos constituem as causas materiais das coisas existentes” (KIRK, G.S. et. al 1893, p.437).

A esses elementos Demócrito denominou de átomos, que são partículas indivisíveis e eternas. Com a teoria atômica, Epicuro aprimora a teoria do conhecimento do humano e acrescenta algo a mais aos átomos o peso para a compreensão da *physis*, com as sensações intermediando.

Segundo Bezerra (2011 p.78); no processo cognitivo apresentado por Epicuro, todo homem só poderá proceder numa investigação da natureza tendo como ponto de partida as sensações. O ato de conhecer é facultado por essa operação prévia que consiste no choque dos átomos dos corpos, assim, sem as sensações não há possibilidade de conhecimento do mundo, porque é através dos sentidos que se conhecem as coisas e a percepção faz a mediação do ato de conhecer.

Foi com o olhar filosófico que o pensador conseguiu compreender a origem das coisas e a dinâmica do mundo, contudo, todo esse conhecimento foi construído por meio do estudo da filosofia e compartilhado com seus amigos justificando dessa maneira o apreço a sabedoria para o entendimento do mundo. Aos 36 anos Epicuro compra uma casa e no quintal desta abre uma escola a qual ficou conhecida como o “Jardim de Epicuro” (JOYAU. s.d. p.31). Nesse local ensinava homens e mulheres a

³ Arché (gr. Origem) No pensamento pré-socrático, a fonte subjacente fundamental do ser de todas as coisas.

terem uma vida simples e de forma comedida, sem exageros. Fez muitas amizades e teve muitos seguidores, muitos destes insatisfeitos com o rumo da filosofia vigente. Epicuro em vida dedicou-se aos amigos, vivendo até os setenta e dois anos.

Faleceu em decorrência de uma enfermidade da qual se pressupõe teria sido cálculos renais, pois ele faz referência a ela como uma pedra, causando-lhes dores horrendas. Nem por isso ficava se maldizendo para os amigos; pelo contrário, se sentia feliz pela presença destes, uma vez que mesmo sentido a vida se esvair escreve:

Neste dia feliz, que é também o último dia da minha vida, escrevo-te esta carta. As dores continuas resultantes da estrangúria e da disenteria são tão fortes que nada pode aumentá-las. Minha alma, entretanto, resiste a todos esses males, alegre ao lembrar os nossos colóquios passados. (DIOGÊNES LAÉRTIOS.1998 L.X, p.288)

Essa citação confirma que Epicuro não tinha medo de viver e muito menos deixar de viver, visto que a morte é consequência da vida. Enquanto estava vivo soube apreciar o que há de bom na vida, logo, tudo que ensinava praticava como ele mesmo dizia “devemos filosofar não em palavras, mas em atos”, pois não adianta só teorizar as coisas e sim por em prática.

Não obstante, pela sua maneira de falar a respeito da divindade e proclamar uma vida de prazer. Sua concepção ética filosófica foi mal interpretada e confundida com o hedonismo que defendem todo tipo de prazer. Porém, com leitura da Carta da Felicidade podemos perceber que o prazer de Epicuro é obtido com a moderação, não de todo jeito, pois se assim o fosse, causaria dor e sofrimento.

2.2. OBRA

A obra filosófica de Epicuro era composta de uns trezentos escritos, todavia, quase todos os escritos se perderam, inclusive o “O Tratado da natureza” que continha trinta e sete livros. Entretanto, deste vasto universo só restaram apenas três cartas. A primeira dirigida a Heródoto referenciando a física; a segunda a Pítocles, relacionado; a meteorologia a terceira dirigida e Meneceu, esta sobre a conduta humana.

Esta, portanto, é a última carta a qual desperta o interesse humano por se tratar de tema ético relacionado com as escolhas: entre o viver bem e o viver

aparente, como também as questões sobre o temor dos homens que faz com que estes deixem de aproveitar a vida. Para Epicuro, nunca é tarde para buscar a felicidade e para isso são necessários três prioridades: liberdade, amizade e tempo para contemplação. Mediante a esse primado a vida torna-se mais leve viabilizando conhecimento do mundo em sintonia com a natureza.

O pensador busca responder não só teoricamente, mas existencialmente esses questionamentos e vai buscar resposta não no além, mas no aquém. Diferente do sistema filosófico platônico que dividiu o mundo em duas realidades, a sensível e inteligível, para ele não existe realidade fracionada. A realidade é uma só e acontece de forma natural com a experiência dos sentidos, sendo, estes corresponsáveis pela aquisição do conhecimento.

De acordo com observação de Bezerra (2011. p. 79): “[...], as sensações nascem do encontro entre as coisas e o homem, que, por intermédio dos órgãos dos sentidos são assimiladas. Fica evidente que as sensações possibilitam a capacidade do homem conhecer a natureza e é por meio dela que resulta vida e morte, porém, a morte é a privação das sensações”.

Epicuro, por ter presenciado a decadência da Grécia, percebe que o homem vive preocupado esquecendo o sumo bem que é a felicidade e esta não depende de ostentação e sim de uma vida simples. Como também é de fundamental importância que o homem se liberte dos seus fantasmas.

Então, escreve esta carta para um amigo a qual funciona como um manual ensinando como o homem deve proceder diante da vida e como ele encontrará a felicidade.

3. VENCER O MEDO É A SOLUÇÃO PARA A FELICIDADE.

Desde os primórdios da história o medo se faz presente. Temos sempre medo de alguma coisa, por exemplo: ser assaltada, não conseguir nota para concluir o curso, ser atropelado, ser punido pela divindade, etc. Contudo, podemos perceber que esse receio está entrelaçado com o temor de morrer, da punição divina e do futuro e, isso causa perturbação na alma impedindo o homem de ser feliz tornando-se um problema filosófico. Segundo Gomes:

Epicuro entendia que a humanidade sofria de um mal universal, uma escuridão mental, um fardo de medo e supersticiosos; e grande parte da responsabilidade cabia aos ensinamentos das escolas. Contestou o ceticismos, a desconfiança nos sentidos da razão; a falsa doutrina do prazer, do modo que a desconfiança dos sentimentos era acrescentada à desconfiança dos sentidos da razão: a falsa doutrina dos compromissos sociais, que substituía a amizade pela justiça, a falsa doutrina de Deus, que assediava o espírito dos homens de medo em vez de enchê-lo de alegria. (GOMES, 2003. p.160)

Com isso, Gomes deixa claro que os ritos de culto ao medo vêm se perpetuando há milênios até os dias atuais, e se transformam no grande mal por causar angústias. Epicuro, em sua doutrina filosófica, tenta desmistificar o que foi ensinando com relação aos grandes temores que são: da divindade, da morte e do destino; esses assolam a vida e faz com que o homem viva sob constante tensão. Essa falsa doutrina faz com que o individuo seja infeliz e submisso.

O filósofo especula a origem do medo, constata sua origem a partir do trato com a divindade e este desencadeia outros medos. Começa tudo no berço da civilização, na Grécia antiga, por não ter uma explicação plausível para o princípio gerador. Mas, insatisfeitos com as respostas prontas da metafísica, onde tudo era obra divina, irrompem os filósofos da natureza na busca da verdade de todas as coisas. Assim, acontece a passagem do mito para o logos. Provocando a revolução no pensamento humano, onde, a natureza é a mãe criadora, não mais os deuses.

A mitologia grega sobreleva os deuses os quais tinham o poder sobre a vida e a morte, ou seja, eles eram tidos como senhores da vida, pois eles tinham o poder de punir os humanos, caso eles fossem desobedientes como também podiam presentear o homem com uma existência afortunada ou não. Mas, para isso ser possível era preciso o cidadão fosse generoso com eles; assim garantiria uma passagem abençoada na terra, conforme a citação a seguir.

[...] Em Hesíodo, Zeus não age conforme seus desejos, mas premia ou pune segundo a obediência do homem. Basta lembrar a figura de prometeu que, desrespeitando a vontade de Zeus, furtou o fogo, extraído do interior de uma fécula, ou melhor, do caule de um narteza para dá-lo aos homens, merecendo castigo de Zeus. O soberano do Olimpo não mais orientará seu raio em proveito dos mortais, como o fazia, garantindo o produto da terra de forma natural. Agora o homem deverá trabalhar sua terra para conseguir frutos[.].(HESÍODO, 1979, p.13)

Configurando dessa forma, toda a origem do temor aos deuses advém da punição caso as pessoas fossem desobedientes. Isso é percebido igualmente nos

relatos do mito bíblico quando Adão e Eva são expulsos do paraíso como castigos desobedeceram ao criador, subtendendo-se que foi nesse período que houve a separação de Deus e do homem. Como aconteceu com o roubo do fogo por Prometeu. Esse feito desencadeou a cultura do medo. A partir da separação entre Deus e o homem surgiu o pensamento racional.

De acordo com o fragmento da República, observa-se que as indagações de Epicuro tem fundamento sobre os sistemas filosóficos influencia a alienação humana, atribuindo a divindade características humanas como a corrupção e intervenção na vida das pessoas reafirmado:

[...] de todos os argumentos, os que dizem respeito aos deuses é virtude: que os próprios deuses atribuíram a muitos homens de bem infelicidades e uma vida desgraçada, e aos maus o contrário. Mendigos e adivinhos vão as portas dos ricos tentar persuadi-los de que tem poder. Outorgado pelos deuses devido a sacrifícios e encantamentos, de curar por meio de prazeres e festas, com sacrifícios, qualquer crime que tenham cometido pelo próprio ou pelos antepassados, e por outro lado, se quiser fazer mal a um inimigo, mediante pequena despesa, prejudicar com igual facilidade justo ou injusto, persuadindo os deuses a serem seus servidores[...]. (PLATÃO. passos: b e c. p. 64).

Nesse excerto da República de Platão juntamente com o de Hesíodo evidencia as informações equivocadas sobre os deuses, os quais eram tidos como seres vingativos e responsáveis por tudo que acontece. Quando na verdade tudo que acontece é de forma natural.

Conforme Silva (2003, p.16), Epicuro começa suas reflexões em torno dos corpos naturais, desde os átomos até os mundos, estendendo o seu olhar metafísico à totalidade infinita da natureza. Logo, a filosofia não é um saber dos deuses e sim dos homens, é um exercício de compreensão da natureza do homem e da natureza das relações possíveis entre o homem e a realidade que o circunda. É no ato de esvaziar-se do divino que o homem consegue entender que ele é seu próprio arquiteto com a natureza possibilitando esse conhecimento .

O ato de conhecer se dá com interação entre homem e natureza com as sensações viabilizando o conhecimento através do ato do agir, sentir e tocar com os órgãos dos sentidos servindo de ponte. Pois, nada que existe pode negá-las como também não pode ser removido ou adicionado, por não conter recursos da razão e da memória são apenas considerados unicamente o atributo claro e evidente.

Assim, todo conhecimento advém do homem como também ele é parte integrante da natureza, portanto, não é obra divina. Por essa razão não há motivos para temer os deuses eles vivem em um estado de *aponia* são alheios à vida do homem. Dessa forma Epicuro consegue matar a charada do mito da criação e vai justamente ao x da questão que é a materialidade das coisas, todo o principio é material e nasce do movimento do acaso com a junção das partículas atômicas que sofrem variações formais, quantitativas e qualitativas.

Encontramos em Epicuro uma filosofia libertadora. Em primeiro lugar lança seu olhar investigador sobre o princípio gerador de todas as coisas, e encontra resposta na própria natureza que circunda, não nos Deuses com se imaginava. Para não restar dúvida o filósofo elenca três soluções para livrar o homem de suas aflições.

3.1. MEDO DOS DEUSES

A primeira boa nova que Epicuro afirma logo no primeiro parágrafo na “Carta da Felicidade” é a existência dos deuses, e nada impede aos homens de prestigiá-los e imitar, pois eles são bons e perfeitos. Contudo, muito cuidado com relação à divindade, para não perde o controle e culpá-los por nossos infortúnios quando na verdade tudo que ocorre na vida é questão de escolha, nada mais cômodo responsabilizar os deuses.

Como conceder a divindade caracteres comportamentais como: corrupção, maldade, egoísmo, bondade, etc. Todas essas características são humanas, portanto, não fazem parte do universo divino e, além disso, os deuses ainda possuíam a capacidade de se comunicar com os seres humanos em ocasiões diversas e tinha o poder de interferir. Com isso, criou-se juízos falsos a respeito da divindade.

Os deuses de fato existem e é evidente o conhecimento que temos deles; já a imagem que deles faz a maioria das pessoas, essa não existe: as pessoas não costumam preservar a noção que tem dos deuses. Ímpio não quem rejeita os deuses em que a maioria crê, mas sim que atribui aos falsos juízos dessa maioria. Com efeito, os juízos do povo a respeito dos deuses não se baseiam em noções inatas, mas em opiniões falsas. Daí a crença de que eles causam malefícios aos maus e os maiores benefícios aos bons. (EPICURO, 2002, p.25.)

Não resta dúvida sobre a existência dos deuses, bem como não há razão para tanta preocupação com eles, visto que estes tinham uma vida harmônica e feliz vivem em perfeita sintonia com a sua imortalidade e eternidade. Portanto, sem problemas e sem se interessar com os conflitos humanos.

Tanto Gomes (2003, p.154), quanto Epicuro, corrobora a mesma linha de pensamento que os “deuses são perfeitos imortais, não sendo modificados por juízos falsos que os mortais têm acerca deles”, logo, “não interferem no andamento das coisas dos cosmos e auferir a eles isso, tornou-se motivo de aflição.”.

Segundo os autores supracitados acima, esta seria uma visão errônea, pois ao intervir na vida dos homens, isso concedeu-lhes um determinismo sem limites. Atribuindo-lhes a culpa em virtude de tudo de ruim ou de bom que aconteça na vida humana. Por esse motivo tornar-se fonte de inquietação na vida do homem que nunca tem culpa de nada, mas sim o outro.

Mas como uma parte da natureza do ser humano é ser tendencioso, então se faz necessário encontrar um culpado para tudo de ruim que possa acontecer em sua vida. Assim, a divindade entra para o banco dos réus na história, emergindo na figura de um ser vingativo e cheio de ira que pune as pessoas pelas faltas cometidas.

Porém, tudo que acontece na vida procede das nossas próprias escolhas e não dos deuses; assim, se existe um culpado somos nós mesmos por escolher errado e não os deuses, pois:

Em primeiro lugar, considerando a divindade como ente imortal e bem-aventurado, como sugere a percepção comum de divindade, não atribuas a ela nada que seja incompatível com a sua imortalidade, nem inadequado à bem-aventurança; pensa a respeito dela tudo que for capaz de conservá-lhe felicidade e imortalidade. (Epicuro. 2002. p.23)

De acordo com Epicuro, observa-se que se os deuses se preocupassem com os problemas criados pelos homens perderiam a sua tranquilidade e suas bem-aventuranças. Pois, os deuses não são corruptíveis essas características fazem parte do universo humano na formação do caráter, portanto, não há razão para temê-los.

Eliminado o medo os deuses ainda restam outras preocupações no âmbito do universo humano que o impede de alcançar a felicidade. Sendo, o medo do futuro e da morte causas de igual pavor para o homem. Deste modo, o filósofo ressalta que

devemos deixar essas preocupações de lado, uma vez que independente do que aconteça com os homens, os deuses serão sempre deuses e eternos, enquanto os seres humanos são passageiros.

3.2. MEDO DO FUTURO

Uma lição importante deixada pelo filósofo é que a nossa existência não deve ficar na dependência de um futuro. Caso isso suceda a consequência será a privação da vida, uma vez que esta está situada no tempo presente, não no passado e muito menos no futuro, pois deste nada sabemos. Enquanto esperamos o futuro, o tempo passa, kronos (tempo) é cruel e não espera por ninguém, e o melhor caminho é soltar as amarras que nos prende ao passado, como também deixar de viver o amanhã. Simplesmente permitamos que o futuro aconteça, sem viver se torturando com o que está por vim. Por isso Epicuro informa:

Nunca devemos nos esquecer de que o futuro não é totalmente nosso, nem totalmente não-nosso, para não sermos obrigados a esperá-lo como se estivesse por vir com toda a certeza, nem desesperarmos como se não estivesse por vir jamais.(Epicuro, 2002, p.33)

Para Epicuro o “futuro não é totalmente nosso e não nosso”, assegura que não devemos viver um tempo de espera e ansiedade por algo que possa vir ou não a acontecer, mas que precisamos aproveitar a vida com a sabedoria de um sábio conforme a natureza.

Dessarte, viver consoante a Natureza é o caminho para a liberdade, e a Natureza humana está na racionalidade, porque é esta última capaz de afastar quaisquer temores em nós incutidos pela religião ou pelas superstições consuetudinárias. E como na Antiguidade, —os filósofos gregos, desde os primórdios, conceberam por Filosofia: como um saber ao mesmo tempo teórico e prático|| (SPINELLI, 2013, apud GONDIM, 2014, p.68).

Para viver segundo a natureza é preciso que o homem se afaste do que o prende como os medos que nos foram passados de geração em geração os quais impede o homem ser um ser livre e autônomo.

Portanto, para conseguir a maestria de viver “consoante a natureza” é de suma importância traçar e caminhar rumo à liberdade. Ou seja, quando o homem tomar as rédeas da sua própria vida torna-se-á um ser autônomo com poder de

decisão, mas que “... não deva confiar cegamente na sorte ou no destino, deixando transparecer sua crença na vontade e na liberdade do homem”. (OLIVEIRA. 2012. p.1).

Essa vontade libertadora vai de encontro com o pensamento epicurista onde o individuo tem que aprender a viver por ele mesmo sem se angustiar com o destino e muito menos com a morte.

3.3. A MORTE NÃO É NADA

O maior mistério da humanidade continua sendo a nossa co-irmã, a morte. Querendo ou não iremos morrer pouco se sabe sobre ela e isso a transformou numa incógnita ainda não desvendada.

Destarte a morte faz parte da nossa realidade é a única certeza que temos e em função disso não deveria ser tratada como um tabu e, sim, ser aceita como condição da existência, uma vez que a vida é um eterno “*devir*”, ou seja, é no movimento do acaso que a vida surgiu como um jogo de “contrários” de encontros e desencontros, que a vida e morte são realidades que nunca se cruzarão.

Para Silva, (2003, p.67) é nos moldes dos pré-socráticos que Epicuro encontra subsídios para sua tese filosófica de cunho naturista, onde todo romper da vida advém da natureza, pois tudo se dá com o movimento uma vez que “os seres vivos tem em si o princípio do movimento”, e “os elementos utilizados na analogia que busca definir a matéria da alma são elementos que possuem o movimento(calor, vento, ar), e por isso pode justificar a motricidade da alma. O movimento(*kinésis*) é um constituinte fundamental na compreensão da natureza de modo geral”. Ou seja, o movimento das coisas faz a vida brotar.

Epicuro, com o conhecimento sobre a natureza chega sabiamente a conclusões importantes sobre o fim da existência e ressalta que a morte não é nada, apenas faz parte do processo natural da vida que seria nascer, viver e morrer, pois tudo tem seu tempo de vida. Por isso não devemos nos incomodar tanto com ela cedo ou tarde ela irá ocorrer, mas enquanto isso não suceder devemos viver bem, sendo melhor:

Acostumar-te á ideia de que a morte para nós, não é nada[...]” pois “Não existe nada mais terrível na vida para quem está perfeitamente convencido de que não há nada mais terrível em deixar de viver. É tolo portanto quem

diz ter medo da morte, não porque chegada desta trará sofrimento,mas porque o aflige a própria espera; aquilo que não nos perturba quando presente não deveria afligiir-nos enquanto está sendo esperado”. Tendo em vista que: “[...] a morte, não significa nada para nós, justamente porque, quando estamos vivos, é a morte que não está presente; ao contrário, quando a morte está presente, nós é que não estamos. A morte, portanto, não é nada, nem para os vivos nem para os mortos, já que para eles ela não existem, ao passo que estes não estão mais aqui[...]. (Epicuro, 2002, p. 29 e 27).

Nesse caso, a nossa finitude é fato consumado nada se pode fazer a respeito, ou melhor, nada é para sempre o mais sensato é encarar a morte de frente. Tendo o conhecimento que a vida habita no ato de sentir, ou seja, nas sensações:

A veracidade das sensações é garantida pela existência efetivas das percepções imediatas. Ver e ouvir são tão reais quanto sentir dor; logo, é necessário que nossas inferências sobre aquilo que não cai no âmbito dos sentidos provenham do mundo dos fenômenos. Realmente, todas as nossas noções derivam das sensações, seja por incidência, ou por analogia, ou por semelhança, ou por união, com uma certa colaboração também no raciocínio.(LAÉRTIOS, 1998 , p.290).

Em síntese, “a morte é a privação das sensações” é pertinente compreender que é nos sentidos que nasce o conhecimento e no ato de sentir as coisas que se conhece de fato a realidade de forma segura, sem correr o risco do engodo. Assim, toda a tese epicurista está centrada na natureza material. Com a morte decorre a desintegração dos átomos que compõem a vida. Portanto, o sistema sensorial através da alma é a única fonte de conhecimento.

Como não se tem ideia o que seja morrer e nenhum ser vivente conseguiu depois da morte ter o privilégio de voltar e dizer como era esse fenômeno o único fundamento aceitável com relação à morte é a “privação das sensações”, assim, ela não deve significar nada, uma vez que tudo o que sabemos é pura especulação, não devendo acumular ansiedade em saber como é morrer ou muito menos aconselhar os outros a viver ou morrer bem, pois:

Quem aconselha o jovem a viver bem e o velho a morrer bem não passa de um tolo, não só pelo fato que a vida tem de agradável para ambos, mas também porque se deve ter exatamente o mesmo cuidado em honestamente viver e em honestamente morrer. “Mas pior ainda aquele que diz: bom seria não ter nascido, mas, uma vez nascido, transpor o mais depressa para possível pra o Hades”. “[...] Pois, é livre para fazê-lo, se for esse realmente for o seu desejo; mas se o disse por brincadeira, foi um frívolo em falar de coisas que brincadeira não admitem. (Epicuro.2002 pg. 31)

Logo, ninguém é sábio o suficiente para aconselhar as pessoas, sejam elas jovens ou velhos, como viver ou morrer melhor, uma vez que se assim o fizer é considerado um tolo, visto que a vida pertence a cada indivíduo, e todo mundo tem o direito de usufruir dela da maneira que quiser e não torná-la um fardo, pois a pessoa é livre para decidir quando por um fim nela.

Como diz Epicuro nos (8-9), o sábio não desdenha viver nem tem de deixar de viver; para ele viver não é um fardo, deixar de viver (a morte) não é um mal. Ao contrário, o sábio, assim, opta pela comida mais saborosa e não pela abundante, do mesmo modo sabe colher os frutos de um tempo bem vivido, ainda que breve. . (FILHO, 2009 p.15)

A vida é uma dádiva que a natureza oferta a cada indivíduo e este é livre para decidir entre viver e morrer; caso opte pela vida que realize esse feito com louvor, prazer e alegria.

Para a nossa alegria “quando estamos vivos a morte não esta presente”, então, a morte representa o fim da vida do homem. Assim, não é uma condição para vida como também não existe nenhuma chance de experiência com o falecimento do homem. Acerca disso, não há possibilidade de uma vida pós-morte. Logo, não há benefício com a morte, senão, aceitá-la.

Por isso é de fundamental importância superar o medo da morte uma vez que ela não é nada para nós, pois durante o tempo em que estamos vivos somos, ela não é, podendo ser comparada metaforicamente ao amor do sol e lua, nunca se encontram. Não importa o tempo que nos resta, a nossa única obrigação é viver bem.

Todavia, para viver bem e com prazer é preciso viver em harmonia. Por esta razão Epicuro relaciona a nossa vida a um jardim florido e harmônico, colorido e perfumado onde tudo está sintonizado no mais perfeito equilíbrio. Entretanto para isso se tornar realidade é necessário ser cultivado com zelo e dedicação, ou seja, não pode ser de qualquer jeito e nem pelo simples ato de fazer, mas sim, com amor, uma vez que tudo que é feito com amor conduz a felicidade a qual é considerada o fim último.

Além do mais, quando se atinge a felicidade, encontra-se o ponto máximo do prazer a *ataraxia*, mas para chegar a ela é preciso que tenha uma vida prudente. Co a prudência o individuo desenvolverá a autarquia e esta ascenderá para ataraxia, o estado de tranquilidade, ou seja, o homem ficará imune a dor e ao sofrimento. Junto

a esse processo conseguirá a libertação do medo provocado pela falta de equilíbrio incitado pelo temor: dos deuses, da morte e do futuro. Para o filósofo não há razão de ser, uma vez que a vida reside nas sensações.

Problema resolvido com relação à divindade e conclui-se de fato que os deuses existem. Eles não podem interagir com os humanos, interferir em suas vidas e muito menos enviá-lo para o céu ou para o inferno, ou seja, os deuses fazem parte de outra dimensão, porém, nada impede dos homens de imitá-los por serem seres perfeitos, e quanto ao destino deixa como conselho melhor aproveitar a vida tendo o cuidado de balizar os prazeres, pois esses quando são mal administrados causando as perturbações da alma.

Porém, o prazer proclamado em Epicuro é o sensorial, todavia este não consiste no descontrole do regozijo carnal ou material, mas sim, na moderação dos desejos possuindo esse controle o homem encontrará a felicidade.

3.4. TUDO É QUESTÃO DE ESCOLHA

A busca da felicidade não é tarefa fácil embora faça parte da natureza humana, no entanto esse achado é possível desde que se procure no lugar certo, que não é na riqueza, honraria e no prazer excessivo, entretanto está no ato de escolher os desejos, pois:

[...] os desejos podem ser fonte de perturbação, dificultando a posse da felicidade. No dizer de Epicuro, o conhecimento seguro dos desejos permite direcionar toda a escolha e toda recusa em função da saúde do corpo e da serenidade do espírito. É nesse sentido que o filósofo faz distinção entre os desejos naturais e desejos inúteis. (FILHO, 2009, p. 16).

Nesse íterim o pensador aponta para a necessidade da cautela nas escolhas dos prazeres, tanto é que faz distintos entre eles: os desejos naturais necessários, naturais e não necessários e os desejos nem naturais e nem necessários. O primeiro age em função da felicidade, do bem estar-corpo, isto é, a serviço da própria vida uma vez que não existe algo mais prazeroso quando matamos a fome ou saciar a nossa sede. O segundo provoca dor e sofrimento são inúteis representados advindos das coisas desnecessárias como, por exemplo, uma alimentação requintada e o terceiro dos desejos produzidos pela imagem falsa do

mundo como a vaidade, luxúria, orgulho, a inveja e a ânsia de poder. Esses adereços provocam os males da alma.

Para ter uma vida feliz, Epicuro anuncia um só caminho, o saber filosófico, a partir dele ocorrerá o processo de libertação do homem alusão aos deuses, à morte e destino todos sem sentido, visto que a vida é breve não importa o tempo que durar nunca é tarde para ser feliz, contudo, o remédio para sanar esses males é a sapiência.

4. NUNCA É TARDE PARA SER FELIZ

Epicuro marca a sua existência como uma pessoa amante da vida, deixando registro desse amor em cartas para os seus amigos, relatando que nunca é tarde para ser feliz, desde que o ser humano tenha disposição para aprender com os sábios. Ele exalta o saber filosófico, sendo este o conhecimento principal para se alcançar a felicidade e adquirir a saúde do corpo e espírito, uma vez que toda a verdade (*aletheia*) está contida neste conhecimento, o qual abre um leque de possibilidades para uma vida feliz. Em razão disso logo no primeiro parágrafo da “Carta sobre a felicidade” destaca:

Que ninguém hesite em se dedicar á filosofia enquanto jovem, nem se canse de fazê-lo depois de velho, porque ninguém jamais é demasiado jovem ou velho para alcançar a saúde do espírito. Quem afirma que a hora de dedicar-se à filosofia ainda não chegou, ou que ela já passou, é como se dissesse que ainda não chegou ou que já passou a hora de ser feliz. Desse modo, a filosofia é útil tanto ao jovem quanto ao velho: para quem está envelhecendo sentir-se rejuvenescer através da grata recordação das coisas que já se foram, e para o jovem poder envelhecer sem sentir medo das coisas que estão por vir, portanto, cuidado das coisas trazem a felicidade, já que, estando ela presente, tudo temos, e sem ela, tudo fazemos para alcança-la. (EPICURO. 2002; p.21)

Conforme a citação fica explícito nunca é tarde para ser feliz, evidenciando que não tem idade certa para filosofar e com isso alcançará o fim último: a felicidade. Porém, a felicidade não está exposta nas prateleiras de lojas, nem muito menos lançada a própria sorte como uma roda da fortuna ou escondida sob a máscara da glória.

Todos esses itens citados acima são artificiais e passageiros, uma vez que não se compra saúde e paz, muito pelo contrário causam sofrimento. Pois, a maioria das pessoas perde tempo correndo atrás do supérfluo, deixando viver a vida

e se veem perdidos em meios aos devaneios do que poderia ter sido e não foi. No entanto, nunca é tarde para encontrar a felicidade verdadeira, transformar os erros em acertos, não importa o tempo que resta. O importante é que vivamos com qualidade longe dos excessos.

Portando, a felicidade não está em bens materiais como riqueza, prazer e honraria, conforme explicita Aristóteles também, pois;

[...] todo saber e toda intenção tem um bem porque anseiam[...] e [...] Quanto ao nome desse bem, parece haver acordo entre a maioria dos homens. Tanto a maioria como os mais sofisticados dizem ser a felicidade, porque supõem ser feliz é o mesmo que viver bem e passar bem. Contudo, acerca do que possa ser a felicidade estão em desacordo e a maioria compreende o seu sentido do mesmo modo que o compreendem os sábios. Para uns é alguma daquelas coisas óbvias e manifestamente boas, como o prazer, a riqueza ou a honra; para uns é uma coisa, para outros, outra - muitas vezes até para o mesmo podem ser coisas diferentes.[...] por exemplo, [...] Para quem está doente é a saúde, para quem é pobre a riqueza. Tendo consciência da sua própria ignorância, muitos dizem ser qualquer coisa de monta.[...].(Aristóteles.2009, p.20).

O filósofo de Ética a Nicômaco concebe que a procura da felicidade é algo que independe dos bens materiais e sim de uma completude da alma, pois quem consegue obtê-la viverá um eterno estado de satisfação semelhante a uma balança equilibrada.

Assim, a menção a felicidade não está concatenada somente ao deleite das necessidades imediatas, ou seja, rápidas que traga satisfações momentâneas logo da origem a outra necessidade para tomar o lugar, causando o desequilíbrio. Porém, o fim último da vida para o aristotelismo precisa de meios e estes são os bens materiais, isto o difere do epicurismo.

Aristóteles adverte que o homem deve buscar a virtude, não os meios para alcançar a felicidade, ou seja, os “meios não justificam os fins” uma vez que a falta de temperança causa a feiura da alma.

[...] O excesso de exercícios físicos, por exemplo, e a falta deles destroem o vigor físico. Do modo idêntico a ingestão em demasia ou insuficiência de líquidos e de alimentos sólidos destrói a saúde. Contudo a medida produ-la, aumenta-a e conserva-a. Assim, com efeito, também acontece com a temperança e a coragem, bem como as restantes das excelências. Aquele que foge (e tem medo de) tudo e não persevera em nada torna-se medroso, e o que, em geral, não tem medo nada precipita-se sempre em todas as direções. De modo idêntico, o que frui de todo o prazer e não se abstém de nenhum devasso; por sua vez, o que foge de todo o prazer, como os rudes, é insensível. Ou seja, a temperança e a coragem são destruídas por excesso e pelo defeito [...] (Aristóteles. 2009, p.43)

Podemos entender nessa citação que a busca da felicidade não está nos excessos provocados por uma falsa imagem de felicidade, ora estamos satisfeitos ora não e isso não é felicidade, mas momentos de contentamento. A felicidade buscada é permanentemente é encontrada através da contemplação, como enfoca Aristóteles.

Nós pensamos também que a felicidade tem de estar misturada com o prazer, porque a mais agradável de todas as atividades se produzem de acordo com a excelência é unanimemente proclamada como a que existe de acordo com a sabedoria. Parece, então, pois que a filosofia possui a possibilidade de prazer mais maravilhosa que há em pureza e estabilidade, e é compreensível pensar-se que fruir de conhecimentos é mais agradável e o que passar o procurá-los. E é em torno da situação contemplativa que se cria o que designamos por independência autossuficiente. (Aristóteles, 2009, p. 235)

Valem salientar que ambos, Aristóteles e Epicuro, se aproximam e divergem com a respeito aos bens materiais, pois para Aristóteles a riqueza, honra e glória auxiliam à felicidade. Enquanto que para Epicuro, estes não contribuem para a felicidade e o melhor mesmo é:

Habituar-se às coisas simples, a um modo de vida não luxuoso, portanto, não só é conveniente para a saúde, como ainda proporciona ao homem os meios para enfrentar corajosamente as adversidades da vida: nos períodos em que conseguimos leva uma existência rica, predispõe o nosso animo para melhor aproveitá-la, e nos prepara para enfrentar sem temor as vicissitudes. (Epicuro, 2002 pg. 41-43).

Assim, o conhecimento filosófico provocaria uma mudança de hábito no homem esse funcionaria como um fio condutor para uma vida prudente longe dos excessos. Esse indivíduo temperante “viveria como um deus entre os homens”, e viver como um deus é:

Viver como um deus não significa, nesse caso, impor suas vontades, realizar os próprios caprichos, dominar por ser mais poderoso do que os seres humanos, inferiores aos deuses por natureza. Significa apenas viver de modo imperturbável, inabalável, estado fixo, desprovido de sofrimentos entre os seres humanos que, eles sim, continuam sendo chacoalhados, pelas emoções, sucedidos pelos golpes da sorte, expostos a todas as emboscadas preparadas pelos acasos da vida. (Droit-Roger, 2012, p.55)

Ou seja, o homem que conseguir viver na medida certa será considerado um deus. Tornar-se-á, senhor de si dominando as emoções com prudência. Resultando,

a autonomia e autodomínio com isso filosofia cumpre o seu papel libertador direcionando o indivíduo para o autodomínio.

A falta de autodomínio reflete sobre o sentido orientador, ou seja, no horizonte prático da alma do ser humano e o obriga a agir de determinada forma. Com a perda do autodomínio acabamos por seguir determinada opinião, ou melhor, determinado desejo que contraria a opinião universal, praticamos ações baseados no desejo particular sem se incomodar com bem comum. Ao agir dessa forma, o Humano perde a razão e domínio de si e, corre o risco de cair na devassidão, pois: "... devasso é quem persegue o excesso no prazer ou prazeres excessivo". (Aristóteles, 2009 p.161)

Assim, segundo o autor, esta perda de perda o domínio aplica-se apenas somente ao devasso, tendo em vista que para definir se alguém tem ou não domínio de si, é necessário fazer a partir dos campos dispostos entre a temperança e a devassidão. Assim, os intemperantes tornam-se doentes por não encontrar o ponto de equilíbrio chegando a nunca se satisfazerem com que o tem e isso causa dor e sofrimento.

Para Silva (2003, p.50-52), a vida requer um saber, que é domínio da natureza humana, ao mesmo tempo o exercício do domínio de si mesmo. O limite necessário dos desejos é, portanto, da ordem da natureza, e o cálculo desse limite é, para Epicuro, o domínio que um indivíduo sensato tem sobre si mesmo e expressa a sua compreensão acerca do bem estar, ou equilíbrio do seu corpo em relação às coisas do mundo físico.

Epicuro é o pensador da medida certa, tudo no perfeito equilibrado, uma vez que o homem ao se afastar dos excessos e desnivelamentos, tornar-se-á um sábio vivendo de forma equilibrada.

Os autores pontuam o equilíbrio como um requisito importante para uma vida feliz, uma vez que, "se a ideia de felicidade estiver relacionado a satisfação de necessidades, ao saciar uma necessidade, outro(s) toma(m) seu lugar, tornando a sensação de satisfação efêmera, passageira". (Oliveira, 2012, p.3).

O excesso conduz ao caminho da insatisfação, e este não é o caminho desejado pelo homem. Quando se escolhe uma vida devassa, sem o meio termo, ou seja, sem ponderação é quase certo encontrar no meio desta trilha dor e sofrimento, porém, essa não é meta do ser humano.

Portanto, o homem busca tanto por *ataraxia* (ausência de dor e sofrimento) e nunca consegue encontrá-la, visto que peca por excesso, com isso não se satisfaz, ocasionado dessa forma uma constante inquietação na alma, tornando-se desse jeito um sujeito perturbado. Por isso a importância de aprender a controlar o prazer e alcançar fim último, pois:

Não são, pois, bebidas nem banquetes contínuos, nem posses de mulheres e rapazes, nem o sabor dos peixes ou das outras iguarias de ma mesa farta que tornam a mesa doce, mas um exame cuidadoso que investigue as causas de todas escolha e de toda rejeição e que remova as opiniões falsas em virtudes das quais uma imensa perturbação toma conta dos espíritos”. E a “ prudência é o principio e o supremo bem, razão pela qual é mais preciosa que a própria filosofia; é dela que originam todas as demais virtudes, é ela que nos ensina que não existe vida feliz sem prudência, (Epicuro. 2002. P.43 e 47).

Com isso podemos perceber que a máxima de tudo na vida é a prudência, que baliza os desejos e conduz ao prazer e a felicidade, uma vez que os cidadãos não conseguem viver bem se não forem comedidos tanto nas suas ações como nos seus pensamentos. O ideal para Epicuro é fugir da ostentação excessiva e habituar-se a uma vida simples que não traz sofrimento. E a ponderação auxiliará o homem a encontrar a tranquilidade, pois ela é elemento de estimado valor e a nascente de todas as virtudes a qual orienta a ter uma vida prazerosa e feliz.

Mas, quem ainda não tem esse conhecimento não se desespere uma vez que nunca é tarde para ser feliz, pois como Epicuro mesmo diz: “ninguém é jovem ou velho demais para ser feliz”, basta querer e buscar o conhecimento com sábios bem como transformar-se em um. Tendo como norte a prudência e a sabedoria ambas andam juntos, só assim, poderá encontrara felicidade e se livrar dos tormentos que impede a bem-aventurança o grau mais elevado da existência humana.

Quando o homem perceber que para ser feliz basta apenas aproveitar a vida a cada momento, porém longe dos excessos. Não importa a quantidade de tempo que temos, mas sim a qualidade com que vivamos, pois como passageiros é tolice nos preocuparmos com algo que não faz parte da nossa existência. Por conseguinte, esse conhecimento é obtido na solidão dos pensamentos.

Somente na solidão dos seus pensamentos o sábio poderia. Finalmente encontrar o real sentido da liberdade, uma vez que, ao menos aos olhos de Epicuro, a liberdade não se coadna com os valores sócios-políticos em

voga. A liberdade provem das reflexões que são a matéria da filosofia. Não a encontraremos no meio político, na dependência de acordos ou convenções nutridas de opiniões conflitantes, e sim nas ações que em o eu próprio principio pois nascem da solidão reflexiva. (SILVA, 2003. P.89)

Com isso a filosofia epicurista demonstra ser plena e livre das convenções políticas, se distanciando nesse ponto do aristotelismo. Para Epicuro, o exercício do filosofar é um exercício livre e por ser autônomo libertará o mundo do medo, ou seja, com a filosofia o homem encontrará a verdadeira felicidade. Conclui que o medo faz com que o homem não viva a vida por inteiro.

5. Á LUZ DA CONCLUSÃO

Com base nos autores estudados entendermos a concepção epicurista como ponto culminante da condição humana, a qual denuncia toda forma de opressão no universo humano provocado pelos maiores medos da humanidade como: medo dos deuses, da morte e do destino.

Para tentar amenizar esse sofrimento Epicuro tenta explicar a existência humana por meio da natureza, ou seja, numa física atomista, a lei do acaso, onde o vazio e átomos se juntam e formam a vida. Tendo um olhar de modo especial para a vida prática, livre de todas as tendências de alienação humana a fim de eliminar a autonomia do homem, produzidas pelos meios políticos, supersticiosos e religiosos que sobrecaia no âmbito da divindade, o qual foi tido como um ser vingativo, o ser divino foi usado com subterfúgio humano para servir de controle social.

Em oposição à cultura do medo, ele fundamenta seu pensamento com a preocupação de libertar o homem do desespero e da dor causado pelos medos supra citados. Os deuses existem de fato e vivem felizes sem problemas; a respeito da morte ela é a única certeza que temos, mas enquanto estamos vivos ela não está presente, quando se morre acontece à desintegração dos átomos, uma vez que a vida existe no ato de sentir as coisas. Quanto ao futuro não se deve sofrer por algo que se pressupõe, o melhor mesmo é viver bem só se consegue esse feito quando encontramos o equilíbrio da vida dessa forma saberá aproveitar a vida com qualidade.

Portanto, a felicidade está no equilíbrio. Como também é de suma importância viver o momento presente e cuidar de cada dia como se fosse o último, porém, isso não significa que é de todo com a precaução de não exagerar.

ABSTRACT:

This work has as object of study the philosophy of Epicurus, whose objective is the man and his happiness, and the way this is achieved is through the release of the fear of the gods, death and future. This problem is solved by understanding the nature, and the mediating sensations in the process. So the Epicurean thought is a materialistic philosophy of ethical nature and practice emphasizing that it is never too late to be happy, but this attempt is only possible depending on our choices, and these should be made with caution since everything in excess is bad for body and soul causing pain and suffering. The philosophical knowledge is considered balsam and who have will be considered wise who "live like a god among men" having learned to care for life, freeing themselves from the evils caused by the false image of happiness produced by the society of which have worth more than being.

KEYWORDS: Happiness, fear, pleasure, Epicureanism

6. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução: António de Castro Caeiro. São Paulo. Atlas; 2009.

BEZERRA, José Eudo. *Epicuro e os critérios para a compreensão de physis*. Trilhas filosóficas. Vol.4 nº 2, 2011.

DROIT, Roger-Pol. *IN: Como um Deus entre os homens*. Tradução: Nicolás Nyimi Campario. Rio de Janeiro: Difel, 2001.

EPICURO. *Carta sobre a Felicidade (a Meneceu)*. Tradução e apresentação por Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: EdUNESP, 2002.

O Epicurismo. Contendo uma " Antologia de textos" e "Da Natureza " de Lucrecio. Tradução de Agostinho da Silva. Coleção Universitária. – Coroa .São Paulo. Ediouro; Ano; s.d.

FILHO, Juvenal Savian. *O Epicurismo e a ética: uma ética do prazer e da prudência*. Entro Universitário São Camilo – 2009 .Disponível em: <http://www.saocamilo-sp.br/pdf/bioethikos/68/10a17.pdf> - Acesso em: 01 abr.2016.

GOMES, Taúria Oliveira. *A ética de Epicuro: Um Estudo da Carta a "Meneceu"*. Revista Eletronica. Matanoia. São João Del-Rei, n. 5, p.147-162, jul.2003.

GONDIM, Antônio Beerhoven Carneiro. *O conceito de liberdade em Epicuro: Fundamentos e lições de uma filosofia emancipadora*. Fortaleza, 2014. Disponível em: [HTTP://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8570/01/2014_dis-abcgondim.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8570/01/2014_dis-abcgondim.pdf). Acesso em: 12 ago. 2016.

HESÍODO. Teogonia. Tradução. Ana Lúcia Silveira Cerqueira e Maria Therezinha Arêas Lyra. Niteroi, RJ: UFF.1979.

JOYAU, E. Epicuro. *IN: EPICURO Antologia de textos*. São Paulo. Ediouro. Ano. s.d.

KIRK. G.S , RAVEN. J.E., SCHOFIELD. M . *Os filósofos pré- socráticos*. Histórias e críticas com seleção de textos. 4 ed.Tradução: Carlos Alberto Louro Fonseca. 4. Ed. Lisboa. Caloustre. 1994.

LAÊRTIOS, D. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. 2 ed. Tradução: Mário da Gama Kury. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

MOSSÉ, Claude. *O cidadão na Grécia Antiga*. Tradução: Rosa Carreira. Lisboa: Edições 70, 1993.

OLIVEIRA, Osmar Nascimento. OLIVEIRA, Terezinha. *O conceito de felicidade na filosofia: Aproximação entre Boécio, Aristoteles, Epicuro e Sêneca*. Anais da jornada de Estudos antigos e medievais. ISSN 2177-6687, 2012. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2012/pdf/j-q/28.pdf> - Acesso em: 19 ago. 2016.

PLATÃO. *A República*. 9. ed. Lisboa: Calouste, 1949.

SILVA, Markus Figueira da. *Sabedoria e jardim*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Natal: EdUFRN, 2003.